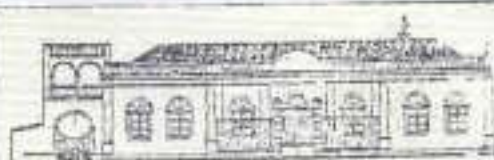


José neves

O Poeta Cândido Guerreiro

Faro, 1961



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca 3-2

Inv. N.º 2294 Cota N.º 145

Separatas do «Correio do Sul»

- Faro no decorrer do século XIX, *pelo Dr. Justino de Bivar Weinholts*
Santa Maria de Harun e as suas lendas de amor, *pelo Dr. Justino de Bivar Weinholts*
Algarve de Sonho e Lenda, *por Silva Tavares*
A pesca do atum na costa do Algarve, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
A 183.^a das Cantigas de Santa Maria do Rei Sábio, *pelo Dr. Francisco Fernandes Lopes*
Um Antifonário «Iluminado» do Século XVII, *por J. A. Pinheiro Rosa*
Duas moedas visigóticas inéditas, *por D. da Veiga Ferreira*
Numária de D. João I, *por Gonçalo Lyster Franco*
Avante e Santiago, *por Cândido Guerreiro*
Alocução, *pelo Dr. Jaime Bento da Silva*
Um deão da Sé de Faro nos fins do século XVI a contas com a Inquisição, *pelo Dr. António Baião*
O Pintor Joaquim Porfírio, grande propagandista de Allongé, *pelo Pintor Lyster Franco*
Uma curiosa moeda romana forrada, *por O. da Veiga Ferreira*
Manuel Teixeira Gomes — O homem que regressou, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
O Pintor Constantino Fernandes, *pelo Pintor Lyster Franco*
A influência bíblica na obra de Cândido Guerreiro, *pelo Dr. Clementino de Brito Pinto*
Episódios inéditos da Inquisição, *pelo Dr. António Baião*
João Lúcio e Portugalidade, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
Discurso de Júlio Dantas
Júlio Dantas, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
As cantigas de Santa Maria do Rei Afonso X, e a sua música, *pelo Dr. Francisco Fernandes Lopes*
Um beijo por lembrança, *por Cardoso Martha*
Alocução em honra de Nossa Senhora, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
Breves notas de história da Obstetrícia, *pelo António H. Balté*
Nótula para a História de Faro — Santa Maria de Ossónoba
pelo Eng.^o Aboim Sande Lemos
Recordando..., *pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida*
Sagres e o Infante D. Henrique, *pelo Dr. José Formosinho*
Emiliano da Costa, *pelo Dr. Elviro Rocha Gomes*
As mais belas Catedrais da Itália, *pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida*
Um inédito de João Baptista da Silva Lopes, *pelo Dr. António Baião*
Algarve—Fonte de Saúde e de Turismo, *pelo Dr. Ascensão Contreiras*
Homenagem a José Formosinho, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
Alocução em Silves, *pelo Dr. Mário Lyster Franco*
Evocação de José Joaquim Nunes, *pelo Doutor F. Rebelo Gonçalves*
Evocação da «Alma Nova», *pelo Dr. José Guerreiro Murta*
O Infante, Servidor de Deus, *por D. Fr. Francisco Rendeiro, O. P.*
Castro Marim, Baluarte da Cristandade, *por Jacinto José do Nascimento Moura*
O Túmulo de S. Gonçalo de Lagos descoberto em Torres Vedras,
por Antero Nobre.
O Poeta Cândido Guerreiro, *pelo Dr. José Neves.*

JOSÉ NEVES
Professor do Liceu de Faro

O Poeta

Cândido Guerreiro

Algumas considerações so-
bre a sua posição na história
da Cultura Portuguesa.




Fato / 1961

À biblioteca da
Câmara Municipal de

of. este opúsculo,
o leitor assíduo de
há cerca de 40 an

O Poeta
Cândido Guerreiro

Faro, 22 de Abril de 191



O F Câ

Separata dos N.º 2.240 a 2.246
do «CORREIO DO SUL»
FARO ————— 1961

Conferência
para Municípios
1961, na sessão
estudantes

JOSÉ NEVES
Professor do Liceu de Faro

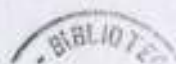
O Poeta Cândido Guerreiro

**Algumas considerações
sobre a sua posição na his-
tória da Cultura Portuguesa**

*Conferência realizada no salão nobre da Câ-
mara Municipal de Loulé, em 15 de Janeiro de
1961, na sessão de distribuição de prémios aos
estudantes mais distintos do concelho.*



Fato / 1961



CÂMARA MUNICIPAL DE FA
BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º de Reg.º: _____
Cota: FR/063.3NEV
Data de entrada: _____

Ex.^{mas} Senhoras; meus senhores

Quando a Câmara de Loulé, por intermédio do seu ilustre Presidente, me distinguiu com o honroso convite para dizer algumas palavras nesta sessão, em que serão distribuídos vários prémios a estudantes desde conceiho laureados nos seus cursos — não saberia talvez que esta progressiva e linda vila, que se ergue num socalco do «barrocal» algarvio a contemplar o Mar longínquo, é sempre para mim, quando a visito, um motivo de caras recordações da infância e da juventude. Quando ao aproximar-me, o casario da vila surge, vibrante de cor, no pitoresco e grandioso cenário em que se enquadra — levanta-se no meu espírito uma revoada de recordações saudosas: é uma ascendência querida e são alguns dos meus mais estudiosos — e até ilustres — companheiros de estudo, com quem tanto convivi e com quem aqui vinha muitas vezes.

Por detrás da imagem presente da vila de hoje, modernizada e tão cidadina, projecta-se-me sempre na memória a do povoado de esse tempo distante, a do povoado de há mais de quarenta anos, fruste no traçado das suas ruas e no aspecto das suas moradias, mas onde já latejava uma actividade antiga característica das povoações que nasceram nas zonas de contacto entre as terras altas e as zonas baixas. E é com essa imagem a esfumar-se, e a enquadrar a das pessoas, que me reencontro saudoso. Por isso, sr. Presidente da Câmara, convidando-me V. Ex.^a para

vir falar nesta sessão, deu-me a alegria de, mais uma vez, recordar os moços estudiosos daquele tempo, e, ao saudar os premiados de hoje, vejo neles os continuadores de uma tendência de espírito que se tornou já numa tradição, de uma feição de espírito que circunstâncias da vida local criaram. É que Loulé, mercê da sua situação e da sua actividade económica, foi sempre um alfofre de pessoas de valiosas qualidades intelectuais. E isto não é por acaso, nem se explica por antecedentes étnicos. Foi o tipo de vida que aqui se desenvolveu, neste povoado que é uma encruzilhada da actividade humana da beira-«serra» e da orla litoral — que fez nascer e progredir, nem só uma vigorosa actividade comercial, como actividades artesanais ricas que deram vida a esse comércio. Neste ambiente humano, que transcende o ruralismo com os seus hábitos sociais estáticos, nasceu o homem desejoso de compreender. Penso ser esta a explicação deste fenómeno curioso: o ser Loulé uma terra onde têm nascido tantas personalidades, que, em vários domínios da inteligência, se têm afirmado.

Na verdade, se percorrermos a história da marcha do homem através dos tempos, verificaremos que foi nas zonas de contacto de culturas diferentes que a inteligência humana se vigorizou e de tal modo que, ao contemplarmos, a muitos séculos de distância, o brilho das criações humanas aí nascidas, se nos afigura, numa análise superficial, que tais criações foram obra de uma espécie de milagre.

Embora o conceito de raças superiores tenha tido, mesmo nos nossos dias, defensores entusiastas, desde há muito que, no domínio da história e da sociologia, se vem definindo o conceito de que são as condições sociais em que o homem vive que lhe conferem a sua fisionomia moral e intelectual: o ruralismo é um ambiente de pensamentos e técnicas estáticas; a actividade urbana, caracterizada por contactos comerciais que se desenvolvem em horizontes económicos mais ou menos amplos — é fonte de inovações constantes e de inquietação intelectual.

Os hábitos sociais assim nascidos e as próprias fórmulas que orientam o pensamento colectivo vão-se estratificando e a tradição histórica leva-os através dos tempos. Esta herança histórica fica constituindo a essência das formações sociais e o seu enraizamento nas consciências é tal que, através de contactos determinados por invasões, por exemplo, esse fundo tradicional sobe à superfície co-

mo símbolo
mente vi
exemplos
da Arte,

Mas,
espontâne
faz parte
tude de in
des. As fo
sim, consc
dos aquele
tido da sa

Tem,
louletana
cursos, re
não própr
porque, co
lizaram no
ta a esses
pecuniário
tizar o agr
tar aos jó
ideal do tr
gresso mo

De ex
feridos os
poeta Cã
deia de Al
uma pintu

Ass
D'w
Faz
Que

Muito
tacto com
plena adole
dos permit
muitos, nã
gramas ob

mo símbolo imorredouro de um passado longa e profundamente vivido. A História mostra-nos, frequentemente, exemplos de tais sobrevivências que se insinuam através da Arte, do Pensamento e da própria técnica.

Mas, se determinados tipos de actividade social geram espontâneamente personalidades ávidas de agir e de saber, faz parte da própria índole de tais grupos humanos a atitude de impulsionar o aparecimento de tais individualidades. As forças obscuras da dinâmica social tornam-se, assim, consciência clara, quando se aponta à atenção de todos aqueles que incarnam uma vocação orientada no sentido da sabedoria e da acção.

Tem, por isso, procedido com inteligência a edilidade louletana ao premiar aqueles que se distinguem nos seus cursos, realizando, assim, uma obra altamente educativa, não pròpriamente pelo valor material dos prémios, mas porque, colocando-os sob a égide de figuras que se notabilizaram no serviço da grei ou na criação de beleza, aponta a esses estudantes um rumo nobre a seguir. O prémio pecuniário é apenas um símbolo, uma maneira de concretizar o agradecimento da sociedade e pretexto para apontar aos jóvens as figuras que incarnam e simbolizam o ideal do trabalho desinteressado — pólo orientador do progresso moral das sociedades humanas.

De entre as personalidades sob cuja égide vão ser conferidos os prémios de hoje, vou falar-vos, em especial, do poeta Cândido Guerreiro, que nasceu neste concelho, na aldeia de Alte, que ele canta nestes versos, que constituem uma pintura-síntese da paisagem do Algarve calcário:

*Assenta a minha aldeia sobre os flancos
D'uma linda montanha, onde o olival
Faz destacar os seus casais tão brancos
Que nem as pombas de qualquer pomal...*

• • •

Muitos anos passaram já, depois do meu primeiro contacto com a obra poética de Cândido Guerreiro. Foi em plena adolescência e numa época em que o regime de estudos permitia aos estudantes certa ociosidade, que, para muitos, não era inteiramente perdida: à margem dos programas obrigatórios, em regime autodidáctico, liam-se as

não é o Antero das «Odes Modernas»; é o Antero das «Tendências», o espírito trágico que procurava, para além do império tirânico da «necessidade», um amparo moral que lhe servisse de nave salvadora no Oceano insondável do Mundo. É que nos sonetos de Antero e mais ainda nas «Novas Tendências» ecoa ainda, renascido, o pensamento moral de Em. Kant. O pensamento de Antero representa na nossa cultura, pela sua aspiração ao aparecimento de uma síntese filosófica e pelo seu moralismo, um equivalente do movimento estóico da Antiguidade.

Ora, o nosso poeta Cândido Guerreiro, em grande parte dos seus «Sonetos» e nalgumas composições de «Às tuas mãos misericordiosas», é um produto da mesma atitude estético-filosófica que gerou Antero.

Veja-se, por exemplo, esta peça poética dos «Sonetos», em que o artista, tal como João Lúcio, outro poeta trágico algarvio, canta a inquietação do espírito perante o «véu de Mâyâ, que oculta a verdade essencial:

*Sobre o Mystério (como em noite escura
Navega, incendiada, uma galera)
Vai a minh'Alma — quem a detivera! —
Ardendo numa trágica loucura...*

*Tenho frio e terror... E pela Altura
Radia em triunfante primavera
O Amor, rosa de luz; mas a Chimera,
Nas asas d'ouro, já me não segura...*

*A Vida! Eu amo a Vida! Eu amo o Fogo,
E busco a Sombra!... E em vôo eu me interrogo
No círculo de enigmas que me cinge...*

*E, preso, o pensamento porque habita
Os recessos do Eu, onde palpita
O Tenebroso coração da Esphinge?*

Nesta primeira fase da sua evolução artística, embora a voz forte da vida prenda o poeta, o seu espírito é arrastado para além da Realidade aparente; mas no horizonte do ceptico, há um Sol, que se vislumbra como uma certeza que dê um sentido à vida — a voz genesíaca do Amor.

das «Ten-
a além do
moral que
ndável do
nas «No-
mento mo-
esenta na
o de uma
valente do

ande par-
«As tuas
titude es-

Sonetos»,
a trágico
o «véu de

*Meus pobres versos!... Eis o que transuda
Da dor oculta da minh'alma inquietada,
Que chora trespassada pela seta
D'esta interrogação: — Jesus ou Budha?*

*A morte, a fera monstruosa e muda,
A grande sombra esphyngica projecta
Sobre o caminho; e em vão, além da meta,
Tu procuras, minh'alma, quem te acuda...*

*Vas indo, pois, oh cega, oh desgraçada,
Como aqueles que vão, em erma estrada,
Cantando para disfarçar o medo...*

*Só um eco responde ao teu clamor:
É a voz genésia do Amor
Pairando acima do mortal segredo...*

Atente-se, através das composições que acabei de ler, para a riqueza e o poder expressivo da rítmica do poeta. Uma análise rítmica (1), que de modo algum vou fazer para não alongar esta palestra, mostrar-nos-ia quanto a estrutura rítmica dos versos se adapta perfeitamente ao pensamento poético que as palavras traduzem: a tessitura das células métricas na disposição dos sons intensos ou surdos, imprime aos versos, ora um ritmo lento, ora colorido e saltitante, que confere às peças poéticas de Cândido Guerreiro uma musicalidade que as enobrece, integrando por isso o auditor naquele encanto emocional que o mestre pretende criar. E note-se que o fazia espontaneamente: Cândido Guerreiro era poeta, tal como as árvores florescem ou frutificam. Não era um compositor do verso que se detivesse longamente na procura do ritmo que iria animar as suas criações. Cândido Guerreiro lia, até, mal as suas peças poéticas, diminuindo-lhes a musicalidade. O ritmo brotava-lhe, pois, do espírito como força obscura que subia dos recessos do inconsciente.

Sem uma análise erudita, apreciem V. Ex.^{as} a música desta composição:

(1) Vd. o ensaio do A., «Meditação sobre a Arte», in «Correio do Sul» de 27-2-1958.

*Pelo claustro de abóboda infinita
— Da cathedral de Deus exígua nave, —
Silenciosa, macerada e grave,
Caminha a Noite, a triste carmelita....*

*Sobre o negro burel — como bendita
Extrema-unção de luz, branca e suave,
Que as gangrenas de treva adoce e lave —
O escapulário de luar palpita...*

*D'onde vens, imortal Religiosa?
Vens, oh pálida freira sempre triste,
D'esse convento amuralhado e forte,*

*D'esse mosteiro secular que existe
Numa ilha encantada e misteriosa
Do Oceano Pacífico da Morte!*

• • •

Cândido Guerreiro já desde a sua fase «anteriana» ascendia frequentemente do Mundo nebuloso do Mistério para a realidade forte e apaixonante das Formas e da Cor. Em dado momento da sua evolução estética, a visão do mundo sensível domina fundamentalmente a sua personalidade poética e, numa atitude panteísta, guiado pelo Amor, transforma-se no parnasiano de cujo espírito continuaram brotando sonetos maravilhosos, cuja perfeição formal tem a grandeza e a harmonia elegante que caracterizam a arte neo-clássica.

A sua emotividade, ora se detem na visão poética parnasiana das formas arrancadas à sombra pela luz vaga do luar, como no soneto «Rochedos», em que o artista nos dá, em visão dantesca, a imagem torturada de rochedos batidos pelo luar, enquanto a «nortada» perpassa em pragas e soluções,

.....
*Velhos titans vencidos, os rochedos
Em crispações de cólera, em arrancos,
Conspiram longamente... Que segredos*

*As águas ouvirão em suas furnas
Enquanto, ocultas, rondam nos barrancos
As sombras vagarosas e nocturnas?*

—ora canta a luz forte, meridiana, ora a luz da tarde do Portugal do Sul, mediterrâneo, de Céu azul e de paisagens calcinadas pelo ardor estival. É o que exprime, por exemplo, a trilogia «Ciganos», verdadeira transposição poética da arte pictórica de Silva Porto, de que transcrevo este soneto:

*Sobre a tarde, a charneca alentejana
Entrou a aveludar-se de azinheiras...
As mulheres, esquiladas, trigueiras,
Vão descalças, fechando a caravana...*

*Espuma torva da maré humana,
Vagabundos, sem pátria, pelas feiras,
Servem-lhes os farrapos de bandeiras...
— Como será o amor de uma cigana? ... —*

*Há um rumor de alarme, ladram cães
Ao passarem ao pé dum povoado
Entre árvores pacíficas e velhas...*

*Cerram as portas, tímidas, as mões...
Desce o sol. Nas sombras dum montado
Afastam-se, a sangrar, cintas vermelhas...*

Todavia, a atitude poética que designo por dramática continua a insinuar-se, de quando em quando, através dos numerosos quadros parnasianos que o estro poético do artista vai criando. Em «As tuas mãos misericordiosas», obra publicada muitos anos após a 1.^a edição dos «Sonetos», em 1943, quando o poeta já tinha ultrapassado os 70 anos, são bem típicos, a este respeito, os sonetos que formam a trilogia intitulado «Credo», em que o poeta canta a crença, o porto seguro que servirá de abrigo ao espírito dilacerado pela visão dramática do Mundo. O parnasianismo e o dramatismo poético encontram-se fundidos nesta composição, como em muitas outras, mas a angústia dos primeiros sonetos já não é, agora, dilacerante: paira nesta trilogia um halo de serenidade a iluminar a inquietação do poeta.

Não se pense, porém, que esta peça poética define e simboliza uma fase definitiva na evolução do artista: notas dolorosas, embora sem a tonalidade metafísica dos pri-

meiros sonetos, ecoam ainda, de onde em onde, no conjunto das composições do livro que estamos analisando. É o que nos revela, por exemplo, o soneto, em que o poeta se refere ao dia do seu nascimento em 3 de Dezembro de 1871:

... ..
*Era em Dezembro e à noite, de onse e meia,
Quando isto aconteceu...*

... ..
*Bateu o vento com mais força às portas,
E conta minha mãe que, sobre o leito,
Da telha vã caíram pingas mortas...*

*Ao mundo vim assim tão malfadado...
— De tarde houvera um temporal desfeito;
Nasceu à noite mais um desgraçado...*

* * *

Os chamados poetas modernistas não podem aceitar a poesia parnasiana de Cândido Guerreiro; não porque a pureza e a grandeza das linhas neo-clássicas das composições do artista os não impressionem; não a aceitam porque a nova estética tem por fundamento «categorias» estruturalmente diferentes. É que na poesia tem-se manifestado, na história da cultura europeia, o mesmo desenho evolutivo que se tem evidenciado na pintura, por exemplo. Da mesma maneira que — no dizer de J. Ortega y Gasset — o «ponto de vista» do pintor tem ido recuando, desde a época de Giotto, afastando-se do quadro, até o artista entrar dentro de si próprio, para daí arrancar imagens pictóricas não entretecidas de elementos naturais organizados segundo os cânones da experiência objectiva, mas de elementos colhidos nos recessos nebulosos do «eu», procurando, fundamentalmente, extrair dos jogos de cor efeitos emocionais análogos aos que se consegue com a arte dos sons — assim, a poesia de hoje se tornou hermética, nebulosa.

Este refúgio da emoção artística em expressões que não constituem um denominador comum socializável, será um sintoma «europeístico» da nossa civilização? Não representará, não simbolizará uma necessidade de refúgio dos indivíduos no seu mundo interior, perante uma sociedade que se complica em estruturas complexas tenden-

tes a apagar o indivíduo, integrando-o fortemente no todo social?

Seja como for. Os poetas do nosso tempo já não podem compreender amplamente o artista das formas puras, límpidas e solenes que foi Cândido Guerreiro.

Mas para além das feições que o momento histórico lhe imprime, a Arte, em qualquer das suas formas, — quando o é, verdadeiramente — é sempre uma das mais altas afirmações do espírito criador do homem, no seu esforço de desvendar os arcanos da Existência.

Não podemos ver na Arte, em qualquer das suas formas, desde a arquitectura até à música e à dança, uma simples expressão de uma atitude lúdica do nosso espírito. A Arte traz sempre consigo aquele deslumbramento que empolga a criança, quando no seu espírito nebuloso a Realidade objectiva se ergue como um mundo estranho ao seu, quando — exprimindo-me de outro modo — na alma infantil se começa a rasgar o abismo entre o mesmo e o outro. Nestes termos, o artista é a criança de sempre a encarar o espectro do Mundo pela primeira vez, vendo-o sempre para além das fórmulas lógicas que as necessidades pragmáticas da existência esculpíram na Realidade. Na alma dos poetas, como um Sol novo, o Mundo nasce todos os dias, o mundo nasce mesmo em todos os instantes. O poeta é sempre o demiurgo de uma realidade sempre renovada; perpassa na sua alma, a cada choque com a realidade, uma luz matutina que arranca ao caos da Existência formas sempre renovadas...

Bebamos na mensagem de todos os artistas essa luz matutina perene que é uma fonte de vida nova, sempre a recriar-se; bebamos nela essa luz divina da emoção estética que trespassa o Universo e abre, de par em par, as portas do Mistério!...

Falei-vos de Cândido Guerreiro... Que os jovens, hoje premiados, saibam colher na sua visão parnasiana e pantheista da Natureza essa luz matutina da emoção que é a própria Vida a cantar o seu renascimento eterno em procura de um Mais-além!